

Ideias e práticas ascéticas entre as Clarissas do Convento de Jesus de Setúbal (Séculos XV – XVII)

Leonardo Coutinho de Carvalho Rangel*

RESUMO: O trabalho investiga os modos pelos quais as religiosas do Convento de Jesus de Setúbal, em Portugal, viviam formas extremas de espiritualidade ascética, do século XV ao XVII. Os penosos flagelos, os jejuns “apertados” e diversas outras formas de penitência e humilhação são algumas das práticas através das quais estas clarissas buscavam atingir o ideal de perfeitas religiosas. A análise serial das informações sobre as religiosas citadas no *Tratado da Antiga e Curiosa Fundação do Convento de Jesus de Setúbal* indica uma frequência maior de práticas ascéticas extremas após o Concílio de Trento (1545-1563). Poder-se-ia concluir que as orientações que dele emergiram contribuíram para a intensificação desta forma de espiritualidade?

Palavras chave: Experiência religiosa em Portugal; ascética; vida monástica feminina.

RESUMÉ: Dans ce texte nous étudions les façons dont les religieuses du Couvent de Jésus de Setubal, au Portugal, pratiquaient des formes extrêmes de spiritualité ascétique, du XV^{ème} au XVII^{ème} siècle. Les mortifications pénibles, les jeûnes prolongés et d'autres formes de pénitence et d'humiliation sont des pratiques par lesquelles ces clarisses essayaient d'atteindre son idéal de perfection religieuse. L'analyse sérielle des informations sur les sœurs mentionnées dans le *Tratado da Antiga e Curiosa Fundação do Convento de Jesus de Setúbal* montre qu'il y a eu une croissance des pratiques ascétiques extrêmes après le Concile de Trente (1545-1563). Faut-il conclure que les orientations tridentines ont contribué à intensifier ce modèle de spiritualité?

Mots-clés: Expérience religieuse au Portugal; ascétisme; vie monastique féminine.

Desde o surgimento do monaquismo, as ideias e práticas ascéticas tiveram um papel de grande importância para a espiritualidade daqueles que escolheram se isolar do mundo, mortificando cotidianamente seus impulsos carnis. Interessa-nos em especial o modo como a ascética era compreendida nos inícios da época moderna. Com o advento do protestantismo e sua defesa da *sola fide*, isto é, a salvação por meio da fé, sem o auxílio das obras, há por parte da Igreja Católica uma reafirmação da necessidade de cooperação do fiel com a Graça através destas obras meritórias, as quais eram consideradas eficazes para a obtenção da salvação. Estas concepções foram a base do esforço ascético católico no período moderno e se expressam na formulação da madre Leonor de São João, autora do *Tratado da Antiga e Curiosa Fundação do Convento de Jesus de Setúbal*:

* Licenciado em História, pela Universidade Federal da Bahia. Este texto é uma versão modificada do artigo de minha autoria intitulado ““Por meio da santa vida, se segue gloriosa morte””: práticas ascéticas no Convento de Jesus de Setúbal (Séculos XV-XVII) (**Revista de História da UFBA**, v.1, nº1, 2009, disponível em : http://www.revistahistoria.ufba.br/2009_1/a01.pdf), fruto de pesquisa financiada pelo CNPq/PIBIC, sob a orientação da Profª Lígia Bellini.

[...] He bem se saiba, como por meio da santa vida, se segue glorioza morte. Pcessão dos eternos bens aos que pella [para] alcançarẽ [alcançarem] fugirão das couza [sic] da terra abraçando se com IESU crucificado por cujo amor ficão mui leves e suaves as asparezas da Religião, oração, disciplinas, jejum perpétuo. Com as mais atras declaradas e nesta parte se deixa bem ver o exercicio dellas com mais rigor do que a obrigação esta pedindo [...]. (S. JOÃO, 1630:181)

Para compreender a penetração de tais ideias, é relevante refletir sobre o contexto em que foram adotadas. José Sebastião da Silva Dias propõe que, durante o século XV e parte do XVI, não só Portugal, como grande parte da Europa teriam passado por um período de decadência na espiritualidade. Diz ele que "as fraquezas e desvios do mundo eclesiástico eram [...] realidades e não fantasias de espíritos exaltados". A simonia, a corrupção do clero, o relaxamento dos frades menores, o absentismo episcopal, a temporalidade da Cúria Pontifícia, etc. constituíam alguns dos sintomas desta decadência. Além destes, encontram-se casos de concubinato e pouco preparo dos curas d'almas (DIAS, 1960:8).

Houve tentativas de se purificar a Igreja mesmo antes das Reformas. Estas ações, nos países ibéricos, foram encabeçadas pelos monarcas, os quais empreenderam esforços para corrigir aqueles problemas. Em fins do século XV, verifica-se um intenso esforço de D. Leonor e D. João II no sentido de introduzir as Reformas Coletinas no Portugal, as quais, iniciadas em França pela clarissa Colette de Corbie, visavam o retorno à estrita observância da religião clariana, tal qual era concebida pela sua fundadora. De acordo com Ivo Carneiro de Souza,

[...] A Reforma Coletina se erguia centralmente em torno da pobreza primitiva e da estreita observância à Primeira Regra ditada ainda por Santa Clara, a partir das sugestões da Forma Vitae de S. Francisco de Assis e da experiência mendicante contemplativa das damianitas de Assis, o que aconselharia com essa morfologia, o movimento de renovação coletina a ligar-se às observâncias franciscanas que propugnavam também um regresso ao espírito e à praxis original da religião dos Menores, oferecendo a pobreza como motivo central de observância da experiência de vida do santo fundador... (SOUSA, 2002:451)

A fundação do Convento de Jesus de Setúbal, sob os auspícios da Rainha D. Leonor, decerto teve um papel significativo como um dos centros irradiadores desta espiritualidade reformada, pois iniciou-se sob o instituto clariano da primeira regra, seguindo as influências da religião coletina. Com toda probabilidade estas reformas teriam se aprofundado após o Concílio Tridentino.

Vale lembrar que as fundadoras daquele convento eram oriundas da casa monástica valenciana de Gandía, a qual obtivera sucesso na reforma interna e partira para a fundação de novos mosteiros, dos quais o primeiro em Portugal foi o de Jesus de Setúbal. Do mosteiro de

Gandía, esta casa teria herdado o rigor nas práticas ascéticas. A este respeito, Souza afirma:

[...] Sumariando o exemplo da comunidade coletina de Gandía prescrevia-se [...] uma escrupulosa espiritualidade do hábito, constringendo as religiosas coletinas à uniformização comum, expressando-se num vestuário pardo de lã grosseira, utilização de cilícios debaixo do escapulário [...].

[...] Registrem-se ainda as imposições ascéticas, mobilizando a comunidade para o cumprimento de um rigoroso sistema de abstinências que incluía a proibição total e geral da carne, impondo ainda jejuns semanais a pão e água que deveriam chegar a quatro dias durante a Quaresma Maior. Práticas ascéticas que se afigura terem oferecido um veio decisivo para a multiplicação das experiências místicas que, desdobrando-se em visões, milagres e arrebatamentos vários, viria constituir o principal alimento para as tradições hagiográficas da comunidade coletina gandiense, atraindo generosas devoções sociais e religiosas. (SOUSA, 2002: 462)

Nota-se então, um amplo movimento de busca por um retorno às fontes originais dos fundadores.

O Concílio de Trento e a Ascética

Como é bem conhecido, na tentativa de reformar o clero e oferecer aos fiéis uma resposta aos seus anseios, a Igreja Católica realiza o Concílio de Trento (1545-1563). Desta assembleia emergiram as principais diretrizes para que os tripulantes da barca de Pedro não viessem a se perder.

Com a difusão do luteranismo e a constatação do perigo que este representava para o catolicismo, Roma buscou o afastamento de tudo aquilo que pudesse ter alguma relação com aquele. Distanciou-se do erasmismo e viu com desconfiança o agostinismo, dado que este serviu de base para a teologia protestante. Por isso, segundo Silva Dias, “a missão dos espirituais tornou-se extremamente difícil nesse clima de suspeita. Para salvar o essencial, tiveram de esbater a feição e conteúdo que sua doutrina assumira nos meados do século, orientando-se de preferência no sentido da ascética e do moralismo militante” (DIAS, 1960: 449). Este autor prossegue, falando sobre a importância do ascetismo nessa época:

O ascetismo tem uma figuração de alto relevo no 'ethos' religioso dos grandes espirituais da época da Contra-Reforma e é a nota grave do movimento de Restauração católica. Representa, do lado ortodoxo, uma resposta à crítica dos místicos e humanistas ao estado do clero, e um prolongamento espiritual da revalorização das obras na doutrina da justificação. (DIAS, 1960: 449)

Verifica-se, com isto, que as orientações que emanaram do Concílio podem ter tido alguma influência sobre a intensificação das práticas ascéticas extremas. Para o caso do Convento de Jesus de Setúbal observa-se que, das sorores que executavam algum tipo de prática ascética extrema (28 casos), todas as que tiveram as datas de entrada e/ou morte

mencionadas (25 casos) se encontravam no contexto tridentino. Os 28 casos correspondem a 14,3% do total de religiosas catalogadas; três destas não tiveram registro do ingresso ou óbito. As datas de morte das religiosas que levaram uma vida de ascética extrema iniciam-se a partir de 1585; portanto, mesmo as que não tiveram sua data de entrada registrada, morreram mais de vinte anos após o término do Concílio. Três dentre estas 25 irmãs ingressaram antes do fim do Concílio, mas viveram longos anos após o seu término. Tempo suficiente, julgo eu, para ter sofrido influência das diretrizes que emanaram dele.

Aprendizado da Ascética

Por meio dos relatos constantes no *Tratado*, é possível compreender de que maneira funcionava o aprendizado da ascética nessa casa monástica. Os relatos não são datados. Talvez a autora desejasse passar a impressão de que as "ceremonias e santos costumes" sempre foram guardados desta maneira, embora o texto sugira que estas práticas se encontravam sob influência do Concílio de Trento. Uma evidência disto é a afirmação de Leonor de S. João de que a candidata a noviça "ha de se obrigar com o mais que manda o Santo Concilio" (S. JOÃO, 1630: 83).

Para que as noviças se acostumassem às asperezas da religião, as quais teriam de enfrentar na sua vida de professoras, eram introduzidas na prática das orações mentais e no exercício das tarefas consideradas inferiores. Além disto, deveriam se humilhar cotidianamente perante as irmãs no refeitório. Existiam, além destas, penitências específicas para alguns dias da semana, às quais as noviças deveriam ser submetidas:

[...] Em meio do refeitório postas de joelhos com as mãos levantadas e ahi fazem as penitencias tirando as da segunda feira que se estendem no chão as de veo branco [noviças] a porta do refeitório antes que entre a comunidade para que todas passem por cima dellas [...] a quarta feira comem no chão noviças e professoras e á quinta se beirão os pes a todas as religiosas que estão sentadas na meza, nas sextas feiras antes que digão a culpa se postrão ás mezas, com a face no chão comem pão e agoa [...]. (S. JOÃO, 1630: 89)

Estas não foram as únicas maneiras de se inculcar as ideias ascéticas na mente das portadoras do véu branco. Havia mestras, religiosas experimentadas, que instruíam estas noviças no caminho da perfeição. É interessante observarmos de que maneira isto se deu por meio do relato da própria Leonor de S. João:

[As noviças eram] gravemente pella Mestra repreendidas e castigadas de qualquer desfalecimento geral ou particular que hajão cometido, tendo se por mui grave, mui pequena falta em o estado tão perfeito e assim são punidas e castigadas com asperas repreensões e rigorosas disciplinas e alem destas particulares e as da comunidade he custume açoutar a mestra ás discipulas nas segundas, quartas e sextas, e porque

se dispão com mais presteza se lhe fazem o habito aberto e a tunica atadas com fitas que dezatadas se despem athe a sintura e com sinco varas de marmeleiro bem juntas se dão os açoutes ordinarios a sim na escolla como na cumunidade no rigor que a Madre Abb^a ou Mestra lhe parece necessário [...]. (S. JOÃO, 1630: 87-88)

Práticas ascéticas entre as freiras

As noviças, como vimos, utilizavam-se das penitências como meio de expiação de suas faltas. Lembremos da definição tridentina do Sacramento da Penitência: “[...] [é o modo] pelo qual os benefícios da morte de Cristo são aplicados a aqueles que caíram após o batismo” (PELIKAN; HOTCHKISS, 2003: Sessão XIV, Cap. I). Deste modo as noviças reprimiam seus desejos carnis e pavimentavam seu caminho para a perfeição. As professoras, no entanto, já tinham atingido este estágio. O esforço da autora em produzir uma imagem de virtude das monjas deste convento é tal que chega a afirmar que uma delas, Anna de Iesu, não tinha pecados para serem absolvidos pelos confessores. Dizia-se dela que “foi nobre no sangue e muito mais nas virtudes¹. Era purissima de animo, e nunca a vião alterada e dezião os confessores não terem de que a absolverem e ja no mundo tinha essa fama [...]” (S. JOÃO, 1630: 276-277). O que explica então o fato de estas religiosas se mortificarem de maneira tão intensa, mesmo não tendo do que se penitenciarem? Há que se notar uma mudança no sentido da ascética, em especial no caso das consideradas mais extremas. Elas deixam de ser apenas um exercício de aperfeiçoamento moral e se tornam um "sacrifício de reparação oferecido a Deus pelas ofensas passadas e os pecados do mundo" (VILLER, 1937: 993), o que justifica a manutenção das intensas mortificações, mesmo quando estas parecem não ser mais necessárias.

Das dezenas de pequenas biografias presentes no *Tratado*, faço menção aqui a uma que ilustra bem o fato de que o ideal de santidade monástica para este convento passava pelas práticas ascéticas extremas — a de Mariana do Sacramento. Desconhecemos o ano em que ingressou na casa, mas sabemos que morreu em 1593. Era, como a maioria das religiosas mencionadas, oriunda da nobreza lusitana e, como não podia deixar de ser, era "de tantas virtudes que senão pode contar o minimo dellas". Temos notícia de que, logo quando ingressou na vida monástica, teria tido uma "grande tentação do demonio", possivelmente ainda como noviça, e em virtude daquela teria tornado a sua vida tão áspera que sua mestra chegou a questionar se queria continuar na vida religiosa. Segundo Leonor de S. João, ela

1 Esse *cliché* é bastante comum no *Tratado*. A nobreza também vinha associada às práticas ascéticas extremas. Uma prova disso é que apenas quatro das 27 religiosas classificadas enquanto praticantes de formas mais ásperas de ascética, não pertenciam à nobreza/administração local.

teria conseguido, por meio de intensas mortificações, vencer aquelas tentações. Com o perdão da longa citação, vejamos o que testemunha a autora do tratado sobre Mariana do Sacramento para termos uma compreensão mais clara da intensidade do estilo de vida adotado por esta clarissa:

[...] Com lagrimas todos os dias tomava disciplinas [...] derramando muita copia de sangue e em particular nas sextas feiras, e nellas fazia muitas penitencias secretas de noite. Foi vista algumas vezes pellas que a espreitavão que depois de açoutada, se revolvia em hortigas da horta por onde havião andar as estações da paixão de Christo com pesos de pedra sobre os hombros nus. [...] trazia hum cilicio de folha de flandes apertado com a carne que quando morreo, lha viamos retalhada por toda a cintura; tinha de baixo das mantas em que dormia estendidas pedras pequenas e huma grande por cabeceira, na quaresma e advento, punha sobre esta pedra huma taboa chea de pregos; o comer destemperava com agoa fria. Na quinta fr^a maior depois de se enferrar nosso Senhor athe dia da Paschoa não falava com ninguem [...]. Cingia o corpo athe os artelhos com uma corda de cilicio cheia de nos e açoutava se com cadeias de ferro. Estando ainda na escolla, peitava as suas companheiras que [...] a açoutassem rijamente com as varas da disciplina, despindo se para isso com devação e alegria e com a mesma ajudava a todas no serviço, buscando para si os mais baixos e humildes [...]. Sempre vestio velho e remendado. Tendo cinco annos de habito gastados neste exercicio e otros semelhantes lhe derão humas febres rijas de que esteve pocos dias em cama, aonde [...] dezapropriou [morreu]. (S. JOÃO, 1630: 209-210)

Por meio da citação acima é possível identificarmos algumas das maneiras pelas quais as religiosas do mosteiro setubalense viviam a espiritualidade ascética. Sem dúvida, as diversas práticas de mortificação desta monja são as que logo nos saltam aos olhos. E ela não estava sozinha neste exercício, já que detectamos práticas semelhantes em cerca de 21 % das irmãs mencionadas no *Tratado*, embora houvesse grandes diferenças quanto à intensidade destas. Nesta categoria, se acham os "açoitos", "cilícios", "disciplinas" dentre outras. Dizia-se destas religiosas que usavam um hábito "de sayal grosseiro, apertado com um corda grossa, os pés descalços e sem mais roupa de linho do que uma toalha que tapava o pescoço até o queixo. Debaixo do saial andavam cingidas com cilícios de seda e de ferro, rabo de folha de Flandres e saias de malha para resistirem aos combates do inimigo" (*apud* SOUSA, 2002: 484).

Aqui vemos pelo menos duas formas principais de ascética. A primeira é o já mencionado uso de cilícios, que consistiam em peças metálicas pontiagudas que ficavam em contato com a carne, machucando-a constantemente e fazendo com que, nalguns casos, a carne chegasse a apodrecer². A segunda é o uso de trajes humildes, sobre o qual encontramos menção na biografia de outras seis religiosas, além de Mariana do Sacramento.

2 Vide o caso de Archangela de *IESU*, a qual, segundo Leonor de S. João "foi mulher de muita abstinência, e rigorosos e contínuos jejuns de pão e agoa, cilícios, e disciplinas, em que derramava de ordinário muito sangue, apodrecendo lhe as carnes de modo que era necessario curarem na em secreto". (S. JOÃO, 1630: 224).

Houve outras formas, diferentes dos tradicionais cilícios e açoites, pelas quais estas ascetas maceravam sua carne, para que, por meio disto, prevenissem a manifestação das tendências pecaminosas de suas almas. Algumas destas curiosas práticas eram o uso do frio, já presente entre monges irlandeses do século V, as urtigas e a cera de vela derretida, além do andar descalça. Cito aqui dois exemplos que ilustram bem de que maneira isto se dava. O primeiro é o de uma religiosa chamada Maria Magdalena. Sobre ela, Leonor nos conta que "na força do inverno, quando os tanques da horta estavam cheios de caramelos [fina camada de gelo], secretamente antemanhã se hia lá e despida os quebrava, lançando se dentro, e assim o fazia entre as ortigas. Estes excessos de penitencia e outros, virão muitas vezes as religiosas que a espreitarão [...]" (S. JOÃO, 1630:186). Note-se que a autora ressalta a natureza excessiva deste tipo de penitência. O segundo era o de Maria da Encarnação, a qual "tomava rigorosas disciplinas, derramando sangue, e nas manhãs frias de janeiro se metia nos xafarizes dagoa, revolvendo se depois em asparas ortigas. Pingava suas carnes com huma vella aceza, trazia asparos cilícios, jejuava a pão e agoa" (S. JOÃO, 1630 : 217).

O jejum e/ou certas formas de restrição alimentar estava presente em cerca de 20% dos casos encontrados. A guarda do silêncio era levada ao extremo por Maria da Trindade, a qual "tinha por costume trazer huma pedra na boca para não falar palavra fora do necessário" (S. JOÃO, 1630 :190).

Estas peculiares formas de ascese nos permitem compreender de que forma estas monjas exerciam sua espiritualidade. Mostra-nos também que existiam, nesse período, pessoas que buscavam viver a religião de maneira intensa, ainda que hoje possa nos parecer estranha a maneira como o faziam.

Bibliografia

ASCÈSE, ASCÉTISME In: VILLER, Marcel (Dir.). **Dictionnaire de spiritualité, ascétique et mystique, doctrine et histoire**. Paris: Gabriel Beauchesne Éditeurs, 1937. Tomo I.

DIAS, José Sebastião da Silva. **Correntes do sentimento religioso em Portugal (séc XVI – XVIII)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960. Tomo I.

PELIKAN, Jaroslav; HOTCHKISS, Valerie. **Creeds and confessions of faith in the Christian tradition**. Volume II – Part Four: Creeds and Confessions of the Reformation Era. New Haven & Londres: Yale University Press, 2003.

S. JOÃO, Leonor de. **Tratado da antiga e coriosa fundação do Conuento de IESU de Setuual**. Setúbal, 1630. (Manuscrito). Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 11404.

SOUSA, Ivo Carneiro de. **A rainha D. Leonor (1458-1525): poder, misericórdia, religiosidade no Portugal do Renascimento**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.